

Bird terá o papel de co-financiador

WASHINGTON (do Correspondente) — Entre os banqueiros e o Governo brasileiro já não se fala mais na necessidade de uma garantia do Banco Mundial para cobrir parte do empréstimo a ser concedido ao País. Tal exigência, feita especialmente pelos bancos do Japão, foi deixada de lado depois que o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos informou que a Casa Branca não concordaria com que o Bird se prestasse a esse papel.

— Diante disso, partiu-se para uma alternativa que está sendo minuciosamente estruturada agora. A idéia já vem sendo 'vendida' aos japoneses e caminha muito bem — revelou um dos negociadores.

Trata-se da entrada do Banco Mundial no pacote de forma colateral, e desempenhando três papéis simultâneos. O primeiro é o de conselheiro técnico na área dos bônus e dos **exit bonds** (bônus de saída). Isso já vem sendo feito por vários funcionários, que acompanham de perto as negociações entre o Brasil e os banqueiros. Sua outra função é a de co-financiador, segundo revelou o Chefe do Comitê Assessor dos Bancos Credores, William Rhodes.

Isso significa, na prática, que o Bird concederia empréstimos ao Brasil para realização de determinados projetos e, de acordo com um alto funcionário desse banco, ele se disporia a buscar co-financiadores para esses programas, tanto no setor oficial como no privado.